

A escrita analítica como recriação das áreas de ilusão e desilusão do analista escritor

Tiago Mussi¹, Rio de Janeiro

Resumo: O autor propõe um estudo sobre a função da escrita analítica como recriação das áreas de ilusão e desilusão do próprio analista escritor. Parte inicialmente de uma releitura da ideia de escrita analítica como forma de ficção, como proposto por Thomas Ogden, para em seguida investigar suas origens na obra de seus precursores, como Winnicott e Bion. Considera que a função da escrita analítica se apoia nos conceitos de encontrado-criado e área intermediária da experiência, como estabelecido por Winnicott, e no de transformação, como formulado por Bion, sendo uma tentativa de representação da experiência viva com o paciente em análise. Além disso, assim como há um paralelo winnicottiano entre o desenvolvimento da criança em interação com a mãe e a evolução da relação do paciente com o analista em terapia, o autor propõe outro, a do analista escritor em relação à sua própria escrita, ao seu estilo. Finaliza argumentando que algumas das funções da escrita incluem não apenas a rememoração, mas também a imaginação e o sonho, a partir da integração de presente, passado e futuro numa narrativa que propicia um senso de coesão à vida.

Palavras-chave: escrita analítica, áreas de ilusão e desilusão, espaço potencial, narratividade

Falar do desejo inconsciente é falar de representação.

ANDRÉ GREEN, *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*

Às vezes você já conhece a história. Às vezes vai montando-a à medida que escreve, sem fazer a menor ideia do que será o resultado. Tudo muda enquanto se move. É isto que faz o movimento que faz o conto. Às vezes é um movimento tão lento que nem parece mover-se. Mas sempre há mudança, e sempre há movimento.

ERNEST HEMINGWAY, *As entrevistas da Paris Review*

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Mestre em psicologia pela Universidade de Paris 13.

Lendo Ogden e seus precursores

Se a escrita analítica pode ser considerada uma forma de ficção, como concebido por Thomas Ogden (2022a), na medida em que o analista escritor deve se tornar escritor de uma espécie de ficção, a escrita em si mesma poderá representar, no *après-coup* do encontro com o paciente, uma forma de recriação das áreas de ilusão e desilusão do analista escritor, ou seja, a constituição de um espaço potencial. *O brincar e a realidade* (1971/2019a), a última obra de Winnicott, demonstra que um desenvolvimento afetivo bem-sucedido é revelado através das possibilidades de criação realizadas na arte de viver e na vida cultural, cujas origens remontam à brincadeira e ao espaço potencial.

Segundo Ogden, o paciente apresentado num artigo ou num livro não é a pessoa real que está deitada no divã do analista, “mas um paciente imaginário, uma ficção, inventada por meio das palavras, assim como um retratista cria uma obra de arte, uma ficção, uma entidade por si só, separada da pessoa que posa para o retrato” (2022a, p. 164). Nessa perspectiva, existe uma diferença entre a vinheta clínica escrita e a experiência viva com o paciente no consultório do analista – “é *como* essa experiência”, diz Ogden. Em outras palavras, é uma metáfora, uma forma de ficção. Essa questão me remete a três outras anteriores: a primeira e a segunda, desenvolvidas por Winnicott (1971/2019b) com os conceitos de encontrado-criado e objetos e fenômenos transicionais; a terceira, desenvolvida por Bion (1965/2004) com o conceito de transformação, em que os relatos clínicos constituem expressão de fenômenos, não a coisa em si.

O conceito de encontrado-criado (ou criado-achado) indica que, se o infans não tiver a ilusão de encontrar o seio, ou melhor, a esperança, ou seja, se ele não puder antes “sonhar” o seio, se não tiver algum vislumbre daquilo que busca, não saberá reconhecê-lo quando afinal se apresentar.

É verdade que a ponta do cobertor (ou algo equivalente) simboliza um objeto parcial, como o seio. Ainda assim, o que importa não é tanto seu valor simbólico, mas sua concretude. O fato de não ser o seio (ou a mãe), ainda que seja real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe). Quando o simbolismo é empregado, o bebê já consegue distinguir claramente fantasia e fato, objetos internos e externos, criatividade primária e percepção. Mas, de acordo com minha hipótese, o termo “objeto transicional” abre espaço para o processo de aceitação da diferença e da similaridade. (Winnicott, 1971/2019b, p. 21)

É nesse espaço, a partir das intermitências da mãe, que a experiência de continuidade cede lugar à contiguidade, onde os fenômenos transicionais, inclusive a escrita, se originam. É *como* o analista escritor vai fazer mais tarde em suas obras. Se primeiro ele não puder imaginar, ter a ilusão, ou melhor, sonhar

o trabalho ou o livro que vai escrever, não poderá reconhecê-los quando estiver em vias de escrevê-los, de criá-los. Dessa forma, a escrita enquanto espaço potencial poderá figurar algo “entre aquilo que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido” (p. 30), isto é, um domínio onde não há nada, a não ser o eu, e um domínio onde há objetos e fenômenos que escapam ao controle onipotente do escritor de psicanálise. Winnicott indica que ele não estuda tanto o “objeto utilizado”, mas antes o “uso do objeto” (Houzel, 2000, p. 746). Chama a atenção para as experiências iniciais do bebê a partir da sua relação com a primeira posse, as primeiras possessões, isto é, os objetos não eu, que conduzem *do subjetivo puro à objetividade*. Essa primeira posse compreende inicialmente as atividades autoeróticas, como sugar o dedo ou produzir sons espontâneos, e mais tarde os primeiros brinquedos. Essa posse está no cruzamento do objeto externo (o seio materno) com o objeto interno (o seio introjetado), mas difere de ambos. Do ponto de vista do desenvolvimento psíquico, o objeto está entre o estado fusional e a relação de objeto, enquanto do ponto de vista do bebê, o objeto não vem de fora como uma alucinação.

A constituição desse espaço transicional, que permite ao mesmo tempo manter separadas e ligadas realidade interna e realidade externa, tanto do analista quanto do paciente, se dá em dois tempos complementares: um tempo de ilusão e outro de desilusão. É importante observar a diferença entre os fenômenos transicionais daí advindos, algo essencialmente privado, e o objeto de relação, algo compartilhado e que faz laço entre dois ou mais sujeitos. Assim, a escrita analítica é primeiro transicional para num segundo momento vir a se tornar relacional, objeto de investimento e de partilha, principalmente com os pares. Como Proust disse com gênio: “Só se pode escrever para os outros, escrevendo primeiro para si mesmo”.

Em *Transformações* (1965/2004), Bion examina, num primeiro momento, a relação entre as “experiências” e suas representações, e desenvolve a questão da experiência original, das representações possíveis daí advindas e do aparecimento de invariantes, resultado de um processo de transformação, tanto no senso comum (por exemplo, um pintor e o quadro realizado a partir do seu modelo) quanto na experiência psicanalítica. Mais adiante nessa obra, o autor introduz os conceitos de transformação em movimento rígido, que corresponde ao termo *transferência*, e transformação projetiva, ressaltando as diferenças clínicas entre transformações neuróticas e psicóticas. Aprofundando essa questão da invariância, Bion distingue então dois tipos de transformação: transformação em movimento rígido (invariância neurótica) e transformação projetiva (invariância psicótica). Acima de tudo, o que me interessa neste estudo é a relação que se estabelece entre o incognoscível da experiência analítica e sua possível representação. Por exemplo, a importância da experiência emocional e intelectual entre paciente e analista no decorrer

da sessão analítica – algo vivido conjuntamente pela dupla analítica –, e a eventual transformação dessa experiência numa vinheta clínica, num artigo ou num livro, por exemplo.

Neste trabalho, eu gostaria de me deter na função que a escrita analítica pode ter enquanto recriação das áreas de ilusão e de desilusão do próprio analista autor. Nessa situação, o analista escritor pode experimentar o sentimento de que a escrita é um objeto subjetivo que ele mesmo criou. A capacidade do analista escritor de tolerar e tornar possível esse tempo de ilusão é indispensável para que os fenômenos transicionais apareçam. No entanto, esse tempo não permite a criação a não ser que seja seguido por um tempo de desilusão, que Winnicott reúne sob o conceito de desmame, ou seja, “pequenos deslocamentos e experiências de frustração que o acompanham, entre o que é esperado e o que lhe é apresentado” (Houzel, 2000, p. 746). Progressivamente, à medida que o analista escritor concebe um espaço psíquico que não é mais inteiramente dentro e ainda não é suficientemente fora, mas entre os dois, as experiências mais intensas podem nascer daí por meio da escrita. Se a ilusão é constitutiva desse primeiro momento, o analista escritor pode imaginar que a escrita corresponde perfeitamente a seu objeto de estudo. Contudo, ele vai perceber que esse objeto cocriado com o paciente, que ele tenta em vão circunscrever num segundo momento, escapa ao seu controle onipotente, a escrita se revelando insuficiente no final das contas para representar a experiência compartilhada. Todavia, é esse trabalho incessante de ilusão/desilusão, a que o analista escritor é submetido ou se submete por sua própria vontade, que permite relançar mais uma vez o processo e, com isso, a própria atividade da escrita.

Vamos retomar essa questão mais adiante, quando falarmos de Winnicott em particular, mas por enquanto examinemos outros aspectos da escrita analítica como forma de ficção, tal como desenvolvida por Ogden. Para esse autor, o analista escritor, no próprio ato da escrita, não está apenas criando uma “obra de arte” num gênero específico, mas “está engajado num processo de ser e se tornar mais inteiramente ele ou ela mesma” (2022a, p. 163). Uma das funções que Ogden estabelece entre a escrita e o sonho é que ambas representam um meio pelo qual é possível pensar e falar consigo mesmo de uma maneira que não se pode fazer de nenhuma outra forma. Parte da dificuldade em escrever um trabalho analítico, com sua parcela de tempo, esforço e angústia, reside no fato de que escrever tem sempre algo de autobiográfico, pois nossos pensamentos, sentimentos e respostas se originam em nós mesmos. Assim, os analistas escritores devem colocar nos seus escritos seus mundos particulares. E quanto melhor o trabalho, podemos supor que mais de si mesmos eles colocaram no papel. Não no sentido de informações sobre sua própria vida, mas da vida da escrita – eu me lembro de Lacan se desculpando por falar de sua

vida em “Joyce le symptôme” (1975/2005), mas que assim o fazia apenas em homenagem ao autor de *Ulysses*.

No artigo “Analytic writing as a form of fiction” (2022a), Ogden discute também a questão da criação do trabalho analítico, que deve portar a marca de seu autor, isto é, o modo particular pelo qual o analista concebe uma determinada situação, usando apenas a linguagem para isso. Em outras palavras, trata-se aqui da questão do *estilo* do analista, tema que será desenvolvido de maneira mais aprofundada em outros trabalhos, como “On becoming a psychoanalyst” (2016) e “How I talk with my patients” (2022b). A fim de transmitir experiências e desenvolver ideias a partir da linguagem, é preciso que o analista escritor crie algo novo. Para isso, deve inventar sentenças e trocas verbais entre a dupla analítica, que são provenientes, ou melhor, transformadas a partir do seu trabalho com o paciente, mas não transcrições literais (Ogden considera que não há nada mais sem vida do que ler transcrições de uma sessão analítica gravada). É nesse sentido que ele concebe o analista escritor como um escritor de ficção, na medida em que este deve inventar o diálogo que se escreve numa vinheta clínica ou artigo – ou, para usar um termo caro a Ogden, deve *sonhar* o diálogo. O termo *ficção* não é empregado no sentido de falsificação do trabalho analítico. Pelo contrário, o sentido aqui é o da escrita que tenta transmitir o que é real e vivo na experiência analítica, ou irreal e sem vida, ou seja, o que significa viver algo junto com o paciente em determinado momento da análise. Nessa perspectiva, a ficção que o analista escritor elabora é mais fiel à experiência analítica do que a transcrição da sessão.

Lendo Winnicott particularmente

Em “Objetos transicionais e fenômenos transacionais” (1971/2019b), Winnicott afirma que não é possível para um bebê passar gradualmente do princípio de prazer ao princípio de realidade sem a presença de uma mãe suficientemente boa, isto é, aquela que se adapta às necessidades do bebê. Essa adaptação vai diminuir com o passar do tempo, à medida que aumentar a capacidade dele de tolerar a frustração do ambiente e de enfrentar a falta de adaptação dela. Para Winnicott, os meios dos quais o bebê dispõe para lidar com o fracasso materno são:

- 1) as experiências do bebê, repetidas muitas vezes, demonstram que existe um limite de tempo para a frustração. Naturalmente, de início esse limite deve ser curto;
- 2) *um crescente senso de processo;*
- 3) *o princípio da atividade mental;*

- 4) o emprego de satisfações autoeróticas;
- 5) lembrar, reviver, fantasiar, sonhar; integrar presente, passado e futuro. (p. 28, grifos meus)

A experiência de frustração pode se traduzir num ganho psíquico para o bebê, na medida em que a adaptação incompleta da mãe às suas necessidades vai tornar os objetos reais, “tão odiados quanto amados” (p. 28). Sabemos que a adaptação perfeita é impossível. Winnicott a aproxima da magia e da alucinação. Mas no início essa adaptação precisa ser *quase* perfeita, para que o bebê possa estabelecer uma relação com a realidade externa. O resultado dessa adaptação ótima leva o bebê a ter a *ilusão* de que o seio é uma parte de si próprio, que estaria sob seu domínio. A tarefa seguinte da mãe consiste em desiludir gradualmente o bebê, desfazendo o sentimento de onipotência que ele experimentou num primeiro momento. Assim, o seio é criado e recriado devido à capacidade que o bebê tem de amar, ou em razão de sua necessidade. É o que permitirá a Winnicott afirmar que a mãe coloca o seio real precisamente, no momento exato, onde o bebê está pronto para criá-lo. Deriva daí, portanto, desde o nascimento, a questão entre “aquilo que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido” (p. 30), ou seja, entre a criatividade primária e a percepção objetiva da realidade.

A princípio, o bebê não sabe o que deve ser criado para satisfazer uma necessidade surgida a partir de uma tensão instintiva, como a fome. A mãe então se apresenta com sua vontade potencial de nutrir a criança, oferecendo o seio. Sua adaptação suficientemente boa às necessidades que se apresentam cria nele uma ilusão de que há uma realidade fora dele que corresponde à sua própria capacidade criativa. Existe assim uma área sobreposta entre o que a mãe propicia e o que ele consegue conceber, mas do ponto de vista psicológico o bebê mama de um peito que é parte de si mesmo. E de maneira correlata, a mãe dá de mamar a um bebê que é parte dela mesma. Para Winnicott, aqui ainda não há intercâmbio entre a mãe e o bebê. Já na fase seguinte, quando a ilusão é substituída pelo objeto e pelos fenômenos transicionais, estes propiciam aos seres humanos uma área neutra da experiência, que não será posta à prova. Desde o momento da instauração do objeto transicional, existe um acordo implícito entre nós e o bebê, onde não cabe perguntar se o seio foi criado por ele ou se o apresentaram a partir do exterior. Segundo Winnicott, a questão não deve ser levantada nem muito menos respondida.

Dessa forma, resta para a mãe do bebê uma tarefa difícil, mas necessária, que é a de iludir o bebê num primeiro momento, para no *après-coup* do encontro promover sua desilusão, a fim de prepará-lo para a tarefa impossível do desmame. Isso porque a questão da ilusão é constitutiva dos seres humanos

e ninguém a resolve inteiramente, de maneira definitiva. Mas, se o processo de desilusão for bom o bastante, estarão estabelecidas as condições mínimas para a frustração que comporta o desmame. Decorre daí que a aceitação da realidade nunca é totalmente alcançada, pois o ser humano está justamente a meio caminho das realidades interna e externa, cuja área intermediária da experiência pode servir não somente para aliviar a tensão entre fora e dentro, mas fundamentalmente como lugar de criação (artes, filosofia, religião etc.). Essa área intermediária, na primeira infância, serve à relação da criança com o mundo, possibilitada pela maternagem suficientemente boa num contexto de continuidade temporal do ambiente emocional facilitador e dos objetos transicionais. Se um adulto for capaz de usufruir de sua área intermediária pessoal, sem fazer exigências impossíveis à realidade, terá condições de reconhecer suas próprias áreas intermediárias e obter alguma satisfação por descobrir algum grau de sobreposição entre elas, isto é, experiências compartilhadas por pessoas ou por um grupo (artístico, religioso e, por que não, psicanalítico).

A base da experiência, que tem suas origens no domínio da ilusão, provém dos objetos e fenômenos transicionais. Estes não vêm nem de dentro nem de fora, mas de um espaço hipotético entre a criança e sua mãe. Além disso, o objeto transicional se articula em torno de diversos sentidos: ele é neutro do ponto de vista afetivo; ele é deixado ao alcance da criança sem que tenha sido objeto de um investimento prévio pela mãe; se ele é um representante da criança e da mãe juntas, ele não pode ser um objeto compartilhado com um terceiro (Houzel, 2000). A área intermediária pertence ao mesmo tempo à realidade interna e à externa, representando a maior parte da experiência do bebê. Para Winnicott, essa área será mantida ao longo da vida graças às experiências intensas ligadas “à arte, à religião, à vida imaginativa e ao trabalho científico criativo” (1971/2019b, p. 34). Em resumo, o objeto transicional passa por um desinvestimento gradual, cedendo lugar, no futuro, aos interesses culturais.

Escrevendo para recriar

Para o Prêmio Nobel de Literatura William Faulkner, o escritor que conseguisse equiparar o trabalho de escrita ao sonho não teria outra escolha a não ser “cortar a garganta”. Como escuto essa asserção do autor? Nada mais restaria ao escritor de ficção se o “seio” sonhado correspondesse ao seio encontrado na realidade. Não haveria mais trabalho a realizar, porque se teria conseguido igualar o trabalho ao sonho. Segundo Faulkner,

todos nós fracassamos na tentativa de alcançar nosso sonho de perfeição. Por isso, nos avalio de acordo com nosso esplêndido fracasso para fazer o impossível. Na minha opinião, se pudesse escrever minha obra de novo, estou convencido de que a faria melhor, o que é a mais saudável condição para um artista. (*As entrevistas da Paris Review*, 2011, p. 9)

Embora o escritor de ficção e o analista escritor tenham muito mais em comum do que possa parecer à primeira vista, para esta análise vou examinar apenas a função da escrita analítica. Apesar das diferenças entre a escrita analítica e a de ficção, Ogden (2022a) destaca que o gênero do ensaio analítico é uma forma de arte literária, pois representa a possibilidade de realização em sua autoexpressão, o prazer de desfrutar da própria criatividade, o contentamento em fazer algo distintamente seu, e o sentimento de que se está contribuindo para um corpo teórico que valorizamos. Freud recebeu o Prêmio Goethe em reconhecimento às suas realizações científicas e literárias, sendo um grande leitor de Montaigne, que fundou o gênero a partir de sua obra *Os ensaios* (2009).

Além dessas questões levantadas por Ogden, penso que a escrita analítica, isto é, a escrita criada-achada para realizar um trabalho analítico – seja este um artigo, um trabalho apresentando num congresso ou um livro, por exemplo –, é aquela que se adapta às necessidades do escritor analista, como a mãe suficientemente boa se adapta às necessidades do bebê. A escrita analítica precisa não apenas representar a experiência vivida entre o analista e seu paciente, mas transmitir ou mesmo inventar algo novo. Os meios que o analista escritor dispõe para lidar com a frustração do ambiente e tolerar as vicissitudes da clínica diante da insuficiência dos modos de representá-la (vide o incognoscível da experiência analítica e sua possível representação) não diferem, em maior ou menor parte, dos meios que o bebê tem para lidar com o fracasso materno, como aprendemos com Winnicott. Assim, a escrita analítica parece reunir vários significados, como um senso de processo, de continuidade ao longo do tempo; o princípio da atividade mental e da emergência da linguagem; a derivação de satisfações autoeróticas; a possibilidade de reviver, fantasiar, sonhar; a integração do passado, do presente e do futuro numa narrativa coerente, o que permite dar um senso de coesão à experiência vivida e, conseqüentemente, à própria vida.

Um aspecto em particular da obra tardia de Winnicott permite entrever outro sentido para a escrita analítica. Em *O brincar e a realidade*, há um paralelo constante entre o desenvolvimento da criança em interação com a mãe e a evolução da relação com o analista em terapia, ao qual eu acrescentaria outro, o do analista escritor em relação à sua própria escrita, ao seu estilo. “O estilo é o próprio homem” – Winnicott cita Buffon no original para afirmar

que, “quando falamos de um homem, referimo-nos a ele *em conjunto* com a somatória de suas experiências culturais” (1971/2019a, p. 160). Nessa obra, o psicanalista britânico identifica os aspectos comuns das funções da mãe e do analista, baseadas na confiança e na confiabilidade, que a meu ver se estendem também ao analista escritor, pois a perda dessas condições representam a perda da área intermediária e de um símbolo importante. São colocadas em evidência as semelhanças da mãe e do terapeuta em sua função de espelho e de apoio em busca do mesmo objetivo, isto é, a passagem da dependência para a autonomia, a capacidade de brincar juntos e a descoberta do eu (verdadeiro self) através da criatividade (Golse, 2008). No caso do analista escritor, a escrita não poderia representar ao mesmo tempo a capacidade de brincar e um meio de descobrir o verdadeiro self? Levando um pouco mais adiante esse raciocínio, não poderíamos supor que – assim como o bebê ou o paciente passam por um momento de dependência respectivamente em relação à mãe e ao analista, que se bem-sucedido vai levar à autonomia – a escrita também pode eventualmente se tornar autônoma em relação ao escritor? Não deve ser casual o fato de alguns analistas e escritores de ficção já terem dito em entrevistas que, ao se encontrarem imersos no processo da escrita de um trabalho ou de um livro, experiências intensas que não atingem um clímax, distintas dos fenômenos de base instintiva, eles têm a impressão de que a escrita se torna autônoma em relação ao que pretendiam expressar, como se o trabalho ou livro se escrevesse sozinho.

Se a escrita analítica não é suficientemente boa, ainda assim ela pode representar um ganho para o escritor, pois a adaptação incompleta daquela às necessidades deste vai tornar os objetos “tão odiados quanto amados”. Quando a adaptação é bem próxima ao real, quando a escrita parece servir bem aos seus propósitos, o escritor tem a ilusão de que esta é uma parte de si mesmo, que estaria sob sua influência. O trabalho da própria escrita, no momento seguinte, será o de *desiludir* o escritor analista, desfazendo o sentimento de onipotência que ele ou ela experimentou inicialmente, pois a escrita se revela sempre insuficiente para apreender a experiência significativa e transformadora que o analista pode viver junto com o paciente: a de criar algo próprio e, ao mesmo tempo, tentar ajudar o paciente a fazer o mesmo. À semelhança do seio, a escrita é criada e recriada devido à capacidade que o escritor tem não propriamente de amar, mas de algo talvez relacionado a uma necessidade. A escrita se encontra justamente, no momento exato, onde o escritor está prestes a inventá-la. Entre “aquilo que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido” está a escrita analítica, que tem realidade na área postulada por Winnicott (1971/2019a), mas pertence à experiência da relação de objeto,

portadora dos traços desse encontro entre analista e paciente, compartilhada com os pares, como os analistas e os escritores de psicanálise.

Ainda que a escrita analítica deva se apoiar essencialmente na descrição, e não na explicação, porque a primeira convém melhor para expressar a falta de linearidade do pensamento e do discurso (penso em James Joyce e no monólogo de Molly Bloom no final de *Ulysses*), bem como a imensa complexidade do que é experimentado vivamente durante a sessão (penso em Freud e no relato das sessões com o Homem dos Ratos), corremos o risco de não perceber que nossas teorias da mente, suas instâncias (id, eu e supereu), suas posições (esquizoparanoide e depressiva), seus elementos (alfa, beta), por exemplo, são apenas constructos, ou melhor, metáforas, ficções criadas por analistas escritores de gênio (Ogden, 2022a). Porém, assim como os modelos da mente, ou as metáforas, a ficção tem seus limites.

Desde o momento da criação do objeto transicional, em que existe um acordo tácito entre o bebê e nós, como assinalado por Winnicott, onde não cabe perguntar se o seio foi criado por ele ou se o apresentaram a partir do exterior, também há um acordo entre o leitor e o escritor de ficção, o pacto de leitura ou pacto ficcional, que me parece valer também para o analista escritor. Neste é estabelecida uma convenção entre o leitor e o escritor de ficção, com regras que orientam a relação entre os dois, permitindo que o leitor se envolva de forma diferente do que acontece na realidade. À maneira dos grandes romancistas, o analista escritor precisa elaborar uma narrativa clínica ou teórica, tirando o máximo proveito das suas vivências e de suas leituras prévias, para transmitir ao leitor uma ilusão de autonomia com relação ao mundo real. Quanto mais autônomo e potente nos parece um trabalho analítico – quando o que acontece nele parece ocorrer em função exclusivamente dos seus mecanismos internos, e não por vontade do analista –, maior o seu poder de convencimento, maior a sua verdade. Os trabalhos analíticos suficientemente bons e originais, assim como os bons romances de ficção, não contam uma história, mas nos fazem antes vivê-la – talvez pela primeira vez, tanto para o analista quanto para o paciente –, para depois compartilhá-la, devido a essa verdade de que se acham dotados (Vargas Llosa, 1997/2006).

O poder, ou melhor, a originalidade de um trabalho analítico busca encurtar a distância que separa a escrita da experiência vivida com o paciente. Fazer o leitor de psicanálise ler aquela “ficção” do divã como se fosse a verdade mais pura, e aquela ilusão criada pelo engenho do escritor, como a mais verossímil e fiel descrição da clínica. Os grandes trabalhos da psicanálise – penso aqui em “Luto e melancolia” (1917/2010), de Freud, ou em *Illusions et désillusions du travail psychanalytique* [Ilusões e desilusões do trabalho

psicanalítico] (2010), de Green – nos convencem de que o mundo, um caso clínico ou a metapsicologia são como eles contam, como se essas “ficções” não fossem o que são, um mundo criado-achado para saciar uma necessidade ou um impulso que o próprio analista escritor desconhece.

Se a questão da ilusão é mesmo constitutiva dos seres humanos e das atividades humanas – sendo a escrita uma delas –, ela jamais será resolvida, porque a aceitação total da realidade é inalcançável, pois estamos justamente na fronteira entre as realidades interna e externa. Ainda que suceda a ela a área intermediária da experiência, que não será posta à prova, assim como o pacto com o leitor não deve ser jamais quebrado, estamos justamente no ponto onde a questão não devia ser levantada nem muito menos respondida. Como disse André Green a Bion, remetendo-se a Blanchot: “A resposta é o infortúnio da pergunta” (Bion, 2017, p. 19). O paradoxo advém do fato de que esse *no man’s land* dos primórdios da vida psíquica é fundamentalmente o lugar da criação.

La escritura analítica como recreación de las zonas de ilusión y desilusión del analista escritor

Resumen: El autor propone un estudio de la función de la escritura analítica como recreación de las zonas de ilusión y desilusión del propio analista escritor. Comienza releendo la idea de la escritura analítica como una forma de ficción, propuesta por Thomas Ogden, y luego investiga sus orígenes en la obra de sus precursores, como Winnicott y Bion. Considera que la función de la escritura analítica se basa en los conceptos de lo encontrado-creado y del área intermedia de la experiencia, establecidos por Winnicott, y el de transformación, formulado por Bion, siendo un intento de representar la experiencia vivida con el paciente en análisis. Además, así como existe un paralelo winnicottiano entre el desarrollo del niño en interacción con su madre y la evolución de la relación del paciente con el analista en terapia, el autor propone otro, el del analista escritor en relación con su propia escritura, su estilo. Concluye argumentando que algunas de las funciones de la escritura incluyen no sólo el recuerdo, sino también la imaginación y la ensoñación, basadas en la integración de presente, pasado y futuro en una narración que proporciona un sentido de cohesión a la vida.

Palabras clave: escritura analítica, zonas de ilusión y desilusión, espacio potencial, narratividad

Analytic writing as a recreation of the areas of illusion and disillusionment of the writing analyst

Abstract: The author proposes a study of the function of analytic writing as a recreation of the areas of illusion and disillusion of the writing analyst himself. He begins by re-reading the idea of analytic writing as a form of fiction, as proposed by Thomas Ogden. Then he investigates its origins in the work of its precursors, such as Winnicott and Bion. He considers that the function of analytic writing is based on the concepts of the found-created and the intermediate area of experience, as established by Winnicott, and that of transformation, as formulated by Bion, being an attempt to represent the living experience with the patient in analysis. Furthermore, just as there is a Winnicottian parallel between the development of the child in interaction with its mother and the evolution of the patient's relationship with the analyst in therapy, the author proposes another, that of the writer analyst concerning his/her own writing, his/her style. He concludes by arguing that some of the functions of writing include not only remembrance but also imagination and dreaming, based on the integration of present, past, and future in a narrative that provides a sense of cohesion to life.

Keywords: analytic writing, areas of illusion and disillusion, potential space, narrativity

L'écriture analytique comme recreation des zones d'illusion et de désillusion de l'analyste écrivain

Résumé : L'auteur propose une étude de la fonction de l'écriture analytique en tant que recreation des zones d'illusion et de désillusion de l'analyste écrivain lui-même. Il commence par relire l'idée de l'écriture analytique comme forme de fiction, telle qu'elle a été proposée par Thomas Ogden, puis étudie ses origines dans le travail de ses précurseurs, tels que Winnicott et Bion. Il considère que la fonction de l'écriture analytique soit basée sur les concepts du trouvé-créé et de la zone intermédiaire de l'expérience, tels qu'établis par Winnicott, et sur celui de la transformation, tel que formulé par Bion, en tant que tentative de représenter l'expérience vivante avec le patient en analyse. Par ailleurs, de même qu'il existe un parallèle winnicottien entre le développement de l'enfant en interaction avec sa mère et l'évolution de la relation du patient avec l'analyste en thérapie, l'auteur en propose un autre, celui de l'analyste écrivain par rapport à sa propre écriture, à son style. Il conclut en soutenant que certaines des fonctions de l'écriture incluent non seulement le souvenir, mais aussi l'imagination et le rêve, basés sur l'intégration du présent, du passé et du futur dans un récit qui fournit un sens de cohésion à la vie.

Mots-clés : écriture analytique, zones d'illusion et de désillusion, espace potentiel, narrativité

Referências

- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários na Clínica Tavistock* (P. C. Sandler, Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1990)
- As entrevistas da Paris Review* (C. Schwartz & S. Alcides, Trads., Vol. 1). (2011). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 170-194). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Golse, B. (2008). *Le développement affectif et intellectuel de l'enfant: compléments sur l'émergence du langage*. Masson.
- Green, A. (2010). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Odile Jacob.
- Houzel, D. (Org.). (2000). *Dictionnaire de psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent*. PUF.
- Lacan, J. (2005). Joyce le symptôme. In J. Lacan, *Le séminaire, livre 23: le sinthome* (pp. 161-170). Seuil. (Trabalho original publicado em 1975)
- Montaigne, M. (2009). *Les essais*. Gallimard.
- Ogden, T. (2016). On becoming a psychoanalyst. In T. Ogden, *Reclaiming unlived life: experiences in psychoanalysis* (pp. 93-114). Routledge.
- Ogden, T. (2022a). Analytic writing as a form of fiction. In T. Ogden, *Coming to life in the consulting room: toward a new analytic sensibility* (pp. 163-166). Routledge.
- Ogden, T. (2022b). How I talk with my patients. In T. Ogden, *Coming to life in the consulting room: toward a new analytic sensibility* (pp. 57-71). Routledge.
- Vargas Llosa, M. (2006). *Cartas a um jovem escritor: toda vida merece um livro* (R. Lyra, Trad.). Elsevier. (Trabalho original publicado em 1997)
- Winnicott, D. W. (2019a). *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. (2019b). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad., pp. 13-51). Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido em 3/2/2025, aceito em 24/3/2025

Tiago Mussi

tiagofrancogh@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n1.13